Dança
12, 13, 14 de dezembro 2014

Os Olhos de Gulay Cabbar

de Olga Roriz

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

© Marina Vieira da Silva

Direção, texto e voz off Olga Roriz Interpretação Marta Lobato Faria Paisagem sonora António Viegas
Cenografia Paulo Reis, Olga Roriz Figurino Mariana Sá Nogueira Desenho de luz Clemente Cuba
Assistente de ensaios e dramaturgia Paulo Reis Assistente de cenografia e figurinos Maria Ribeiro
Direção técnica Daniel Varela Imagens de arquivo SIC Seleção de imagens e alinhamento Olga Roriz, Paulo Reis
Edição José Bruno Parrinha – SIC Estreia absoluta Festival de CITEMOR, julho de 2000
A Companhia Olga Roriz é apoiada pelo Governo de Portugal, Secretário de Estado da Cultura, Direção-Geral das Artes.

Em virtude da bailarina e coreógrafa Olga Roriz estar a recuperar de uma lesão, será substituída nestes espetáculos pela bailarina Marta Lobato Faria.

Sex 12, sáb 13, dom 14 de dezembro
21h30 · Garagem da Culturgest · Duração: 50 min · M12

Por vezes o corpo não nos dá tréguas e insiste em parar, deixando-se estar apenas perscrutando as suas dores.

"Tranquila!" – diz-me ele – "Já voltaremos a dançar."

E espero, mas enquanto espero tudo à minha volta avança.

A árdua decisão de passar o testemunho torna-se evidente e assim faço a delicada escolha da intérprete. Quem fará de mim sem me copiar? Quem poderá apropriar-se de um solo tão delicado quanto dilacerante?

À Marta entreguei-me de alma e coração e fiz do meu corpo o dela.

Olga Roriz, novembro 2014

Os Olhos de Gulay Cabbar não aborda unicamente um facto real ocorrido num acidente na Turquia ou a forma insólita e cruel como os *media* transmitem, fria e indistintamente qualquer tipo de notícia, banalizando-as. Este solo é na sua essência, no seu percurso e na sua finalidade, sobre a vida, o amor e a morte. Não desta mulher, mas pelos olhos desta mulher, pelos seus gestos, a sua voz omnipresente, pelo que oculta e desvenda... O seu discurso, tão direto quanto ausente, são estilhaços de uma memória dispersa. As palavras são lançadas como setas com a tranquilidade de quem já nada tem a temer.

... Se eu ao menos pudesse calar-me como se fosse o próprio silêncio. Como se o silêncio soubesse mais do que eu. Não! Preferia morrer de tédio...

... Os meus passos trouxeram-me até aqui. No entanto esqueci o porquê da vontade. Esqueci.

Porque será que só nos encontramos no momento em que vemos os outros perderem-se? Porque será?

Agora já é tarde!...

Quero silêncio! A distância... As saudades... Já esqueceste?

Tudo me dói e há tanto tempo. Um monte de dores. Uma lixeira...

... Amo-te... Amo-te desde que te vi pela primeira vez. Não pude evitar. O amor nasce assim. Às vezes, só num olhar. Não se pode resistir à felicidade...

... A mim, nunca me contaram nada. Por isso, eu calei-me. Calei-me durante muito tempo. Calei-me até sentir essa pancada na nuca que me fez vomitar...

... Nem um vislumbre de idealismo. Partilhar já não serve de nada. Vocês, são-me completamente indiferentes!...

... Estamos a morrer, não estamos? Mas se temos de morrer, que seja depressa!...

Olga Roriz, agosto 2000

O que a crítica disse aquando da estreia de *Os Olhos de Gulay Cabbar*

Depois de, em janeiro deste ano, com o Ballet Gulbenkian, ter assinalado o *F.I.M. (Fragmentos.Inscrições. Memórias.)*, numa peça que fechou um ciclo e lhe permitiu "desarrumar o passado lançando-o num novo presente", Olga Roriz foi a Montemor-o-Velho estrear a novíssima produção que marca, assim, a nova fase criativa de uma das mais importantes coreógrafas nacionais: *Os Olhos de Gulay Cabbar*. O que vê uma mulher turca miraculosamente viva depois de uma catástrofe natural, que afirma renascer ao compreender aquilo por que o seu corpo não passara, aquilo a que a sua alma fora poupada? A Olga Roriz, que regressa com este solo à interpretação, afetou particularmente a forma desumana como os *media* descreveram a situação, como transmitem fria e banalmente qualquer tipo de material noticioso. Mas, essencialmente, a afetividade criada com Gulay Cabbar explicará muito melhor esta peça: a sensibilidade partilhada, a comunhão de um olhar transcendente que tudo revela e onde "repousam as memórias" (e os fragmentos e as inscrições, dir-se-ia), que foi para a coreógrafa como que uma ignição para se dedicar a uma recriação sob a forma de um espetáculo intenso, que teve lugar no fim da noite deste sábado, num velho armazém em ruínas, restos de um incêndio, aberto ao céu e à vila – um edifício que voltou, ele próprio, a respirar. Os destroços de "uma morte que poderia ter sido" acolhem os olhos destas duas mulheres (Roriz fala mesmo em "sozinhas, eu e ela") que se tentam reincorporar, que se tentam entender, física e psicologicamente. Que, através de uma dança "interior", virada para o ser e que vive independentemente de uma alteridade observadora e passiva, volta a respirar e a prestar culto a uma vida perdida e recuperada. Um regresso do outro lado, o reinício depois de um fim (sim, o regresso à vida depois de um *F.I.M.*) e um renascimento – donde a espécie de banheira em madeira, cheia de água argilosa, onde Roriz se fez, a medo mas com determinação, mergulhar, num ato purificador impregnado de simbolismo.

Mónica Guerreiro, *Blitz*, julho 2000

[...] "O Universo entra em nós pelos olhos, mas não podemos compreender nada até que ele nos tenha entrado pela boca dentro", escreveu Paul Auster. É, com efeito, por intermédio de uma voz *off* que Olga Roriz nos faz penetrar na intimidade de uma mulher, de discurso livre e lúcido. Logo de início, a bailarina enrolada a uma corda, convida-nos a entrar num jardim secreto. [...] Ao mesmo tempo introspeção e projeção, o trabalho de Olga Roriz tende a recompor, por fragmentos, o passado de uma vida que vê chegar o seu fim. Se a futilidade e o essencial se misturam é porque essas são as primeiras coisas que a nossa memória conserva, mas também o reflexo deste Mundo que não diferencia o tratamento do drama, do horror ou da superficialidade. [...] A peça progride entre a angústia e a serenidade onde o público segue a bailarina num percurso iniciático até à libertação lúcida, apaixonada, tranquila e distante, esta mulher revela-se progressivamente e arrasta-nos numa deambulação mental desde o fútil ao essencial.

Serge Jesus Carreira, *Culture*, abril 2001

Olga Roriz

Olga Roriz, teve como formação artística o curso da Escola de Dança do Teatro Nacional de S. Carlos e o curso da Escola de Dança do Conservatório Nacional de Lisboa.

Em 1976 integrou o Ballet Gulbenkian permanecendo até 1992 onde foi primeira bailarina e coreógrafa principal.

Em 1992 assumiu a direção artística da Companhia de Dança de Lisboa.

Em 1995 fundou a Companhia Olga Roriz, da qual é diretora e coreógrafa.

O seu reportório na área da dança, teatro e vídeo é constituído por mais de 90 obras.

Paralelamente à sua criação para as companhias, tem desenvolvido um percurso a solo.

Criou e remontou peças para o Ballet Gulbenkian, Companhia Nacional de Bailado, Balé Guaira, Ballets de Monte Carlo, Ballet Nacional de Espanha, English National Ballet, American Reportory Ballet, Maggio Danza e Alla Scala.

Os seus trabalhos foram já apresentados nas principais capitais Europeias, assim como nos EUA, Brasil, Japão, Egipto, Cabo Verde, Senegal e Tailândia.

Na área do cinema realizou: *Felicitações Madame*, *A Sesta* e *Interiores*.

Desde 1982 Roriz é distinguida com prémios nacionais e estrangeiros. Destacam-se o 1.º Prémio do Concurso de Dança de Osaka, Japão, 1988, Prémio da melhor coreografia da Revista Londrina *Time-Out*, 1993, Prémio Almada, 2004, condecoração com a insígnia da Ordem do Infante D. Henrique-Grande Oficial pelo Presidente da República, 2004, Grande Prémio da Sociedade Portuguesa de Autores e Milleniumbcp, 2008, Prémio da Latinidade, 2012.

Marta Lobato de Faria

Marta Lobato de Faria nasceu em 1980, completou os estudos no Conservatório Nacional de Lisboa e na Universidade Rotterdamse Dans Academie, Holanda. Na sua formação destaca coreógrafos como Rui Lopes Graça, Jean Paul Bucchieri, Barbara Grisi, Kim Van Heugten, Anika Handler, Anne May de Lijser, Lenneke Mietes, Minka Brams, Richard Move, Thom Stuart, Rinus Sprong, Tessa Cook.
A nível profissional trabalhou com as companhias Ballet Contemporâneo do Norte, Dansgroep Krisztina de Chatel, Korzo Theatre, United C, Merkx & Dansers, Companhia Olga Roriz e com diversos coreógrafos, entre eles: André Gingras, Jack Gallecker, Anne Van de Broek, Neel Verdoom, Jelena Kostick,

Julia Reviera, Yonel Castilla Serrano, José Laginha. Coreografou: *are you sure*, *Ireality*, *Momentum*, *Resiliéncia*, *Saudade*, *Memórias*, *Pedaços*, *Entre o Desejo e o Possível*. Lecionou em várias instituições, entre elas: Fontys Dans Academie, Sirona Health Club & Spa, Bodies, Helmond Dans Academie, Femme Only, Womans World, Companhia de Dança de Faro, Quórum Ballet, Teatro Cine de Torres Vedras, Esco, Centros recreativos de Ribamar, Casalinhos de Alfaiata, Sobreiro Curvo, A dos Cunhados, Runa, Marquiteira, Malaposta, Languages Unlimited, Escola de Dança Movimento.

Atualmente é diretora pedagógica e professora da Academia Espaço Dança de Torres Vedras e professora da Academia de Dança de Alcobaça.

Companhia Olga Roriz

A Companhia Olga Roriz, fundada em 1995 com o apoio financeiro do Ministério da Cultura e dirigida pela coreógrafa Olga Roriz, tem sido ao longo destes dezanove anos uma referência de qualidade profissional e artística no panorama nacional e internacional da dança contemporânea portuguesa. Caracteriza-se e diferencia-se pelo facto de ser uma companhia de autor que criou uma vasta obra com um perfil e estilo próprios. Todas as produções são o resultado de um intenso processo criativo, de investigação, partilha e reflexão.

Esta Companhia tem apresentado as suas produções em todos os espaços culturais de referência nacionais. Internacionalmente já atuaram em Cabo Verde, França, Itália, Alemanha, Polónia, Brasil, Espanha, Checoslováquia, EUA e Macau.

Produções
1995 *Introdução ao Princípio das Coisas II*, *Finisterra II*
1996 *Propriedade Privada*, *Cenas De Caça II*
1997 *Start and Stop Again*
1998 *Anjos, Arcanjos, Serafins, Querubins... E Potestades, Propriedade Pública*
2000 *Os Olhos de Gulay Cabbar*
2001 *Código md8*
2002 *Não Destruam Os Mal-Me-Queres*
2003 *Jump-Up-And-Kiss-Me*
2004 *Jardim de Inverno II*, *Confidencial*
2005 *Felicitações Madame I, II, O Amor Ao Canto Do Bar Vestido De Negro*
2006 *Felicitações Madame III*, *Daqui Em Diante*, *Felicitações Madame* (filme)
2007 *Paraíso*, *A Sesta* (filme)
2008 *Inferno*
2009 *Nortada*, *Interiores*, *Solos*
2010 *Electra*, *A Sagração da Primavera*, *Interiores* (filme)
2011 *Pets*
2012 *Present in Progress*, *Cenas*, *A Cidade*
2013 *A Sagração da Primavera* (Solo), *Eurídices* (filme)
2014 *Terra*

www.olgaroriz.com

Próximo espetáculo

Cinanima

Pormenor do cartaz do festival © João Machado

Cinema **Dom 14 de dezembro**
Grande Auditório · 18h · M12

À semelhança do que vem acontecendo desde há anos, a Culturgest tem o prazer de se associar ao CINANIMA projetando uma seleção de filmes premiados, feita pela organização do Festival.

Próximo espetáculo de dança

projeto continuado (2015)

de João dos Santos Martins

Dança **Sex 27, sáb 28 de fevereiro**
Palco do Grande Auditório · 21h30
Duração prevista: 1h30 · M12

Recorrendo a objetos da história da dança, aos seus contextos e ideologias, e à sua relação com música, procuraremos rever e operar sobre a forma como a coreografia e a dança estabelecem padrões ideológicos que fixam ou colocam em questão os regimes éticos e estéticos dominantes. João dos Santos Martins

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho de Administração
Presidente
Álvaro do Nascimento
Administradores
Miguel Lobo Antunes
Margarida Ferraz

Assessores
Dança
Gil Mendo
Teatro
Francisco Frazão
Arte Contemporânea
Miguel Wandschneider

Serviço Educativo
Raquel dos Santos Arada
Pietra Fraga
Alice Neiva

Direção de Produção
Margarida Mota

Produção e Secretariado
Patrícia Blázquez
Mariana Cardoso
de Lemos
Jorge Epifânio

Exposições
Coordenação de Produção
Mário Valente
Produção
António Sequeira Lopes
Paula Tavares dos Santos
Fernando Teixeira
Culturgest Porto
Susana Sameiro

Comunicação
Filipe Folhadela Moreira
Estagiários:
Ana Pessoa
Bruno Pereira

Publicações
Marta Cardoso
Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais
Catarina Carmona
Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros
Cristina Ribeiro
Paulo Silva
Teresa Figueiredo

Direção Técnica
Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes
Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica
José Manuel Rodrigues

Audiovisuais
Américo Firmino
(coordenador)
Ricardo Guerreiro
Suse Fernandes

Iluminação de Cena
Fernando Ricardo (chefe)
Vítor Pinto

Maquinaria de Cena
Nuno Alves (chefe)
Artur Brandão

Técnico Auxiliar
Vasco Branco

Frente de Casa
Rute Sousa

Bilheteira
Manuela Fialho
Edgar Andrade
Clara Troni

Receção
Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo
Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos
Isabel Corte-Real
Inês Costa Dias
Maria Manuel Conceição
Estagiária:
Mariana Frazão

Edifício Sede da CGD
Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1
Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03
culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo

As emissões de gases com efeito de estufa associadas à produção desta publicação foram compensadas no âmbito da estratégia da CGD para as alterações climáticas.